

O INDIVIDUAL E O SOCIAL: MODA E CULTURA NA PERSPECTIVA
SIMMELIANA

Renata Costa Leahy¹

Resumo: Este artigo busca evidenciar cultura e moda segundo o pensamento sócio-filosófico de Georg Simmel, especialmente a partir das obras *O conceito e a tragédia da cultura* e *Da Psicologia da moda: um estudo sociológico*. As considerações deste autor sobre cultura passam pela consideração indissociável entre a subjetivação do objetivo e da objetivação do subjetivo enquanto cultura, modo de desenvolvimento do espírito do indivíduo. Sobre a moda, Simmel entende-a como lugar em que os indivíduos duelam com a sociedade e a personalidade. Desta forma, o texto apresentado mostra a moda como elemento da cultura, uma vez que as conexões entre sujeito e objeto determinam o funcionamento de ambas na sociedade.

Palavras-chave: Cultura, Moda, Socialidade, Individualidade

As contribuições de Georg Simmel para o campo da moda, que datam do final do século XIX e do início do século XX, repercutem até os dias atuais. Uma de suas principais ideias sobre a moda é a de que seu motor, o que a faz mudar, é a imitação pela necessidade da distinção de classes. Junto ao pensamento de Lipovetsky (1989), que concebe o aparecimento da dinâmica mutante da moda como fruto do surgimento da lógica efêmera das aparências na história da humanidade, as ideias destes dois autores sobre o movimento cíclico da moda são das mais conhecidas e consideradas.

Investidas sobre o tema tentaram dar conta de explicar tal dinâmica, precisamente o que faz o fenômeno ser, ele mesmo, dinâmico. Cidreira (2005) identificou pelo menos seis abordagens sobre a moda, localizadas em épocas diversas: econômica, semiológica, moral e filosófica, psicanalítica, histórica e sociológica. Os estudos atuais evidenciam cada vez mais a transversalidade da moda na sociedade, o que remete a um entendimento do tema como melhor visto de forma interdisciplinar, em que cada disciplina é importante para a compreensão da moda como um todo e sua relação com o ambiente social.

O imbricamento entre moda e sociedade na contemporaneidade é prova, como mostra Barnard (2003), do entendimento de moda como cultura; o autor afirma que,

¹ Mestre em Cultura e Sociedade, na área de cultura e arte, do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia renatagrd@hotmail.com



concebendo cultura como Williams (apud BARNARD, 2003, pp. 61-62), “uma descrição de um modo particular de vida que exprime certos significados e valores, não só na arte e no saber, mas também nas instituições e no comportamento habitual”, tais instituições e tais comportamentos cotidianos ampliam o campo de elementos considerados como cultura. Desta forma, a moda, o vestir-se e o adornar-se são, também eles, respostas culturais das sociedades, algo que exprime modos de vida pela visualidade. Para o autor, é assim que a moda é compatível com o conceito de cultura, não só pelo caráter mutante, mas, principalmente, por ser mecanismo que dá respostas, pela roupa, às questões humanas e, também, por ser tanto reprodução como produção dos sistemas de significados culturais.

É nessa questão que o pensamento de Simmel opera em relação à moda, entendendo-a no âmbito do funcionamento da própria cultura. As ideias do autor sobre cultura, seu funcionamento e a busca pela definição de um conceito, estão de forma veemente em *O conceito e a tragédia da cultura* (1998b), de 1911. Nesse texto, Simmel procura evidenciar, em primeira instância, o caráter ativo e atingível do homem, em oposição ao naturalmente concebido. Essa noção de homem é essencial para o entendimento de suas postulações, uma vez que as ações e criações sociais são lembradas por ele como fazendo parte do âmbito das criações de indivíduos.

Simmel entende que as criações humanas, e os modos pelos quais essas criações são concebidas, são meios para o desenvolvimento interno da totalidade de cada sujeito, desenvolvimento este que é a busca finalística do homem e motivo pelo qual ele age e cria, mas que só existe como possibilidade. Esse processo com vistas ao desenvolvimento individual só se efetivará se houver, de fato, o que o autor chama de cultura. O desenvolvimento de cada indivíduo só acontece, como cultura, por meio de objetos que são em alguma instância estranhos à subjetividade; para o desenvolvimento interno, a subjetividade deve ser suspensa para que o indivíduo se deixe tocar pela relação com o objeto e, a partir dessa experiência individual, proporcionar uma nova organização de sua unidade interior.

No processo de cultura, são considerados dois aspectos essenciais e interdependentes: sujeito (enquanto subjetividade) e objeto (enquanto elemento exterior), que “não se contém por si [...], cada um só encontra seu sentido no outro” (p. 5). Isso acontece pelo fato de a cultura do indivíduo, como visto, passar essencialmente por essas duas unidades e, segundo Simmel, de uma maneira peculiar. No processo de cultura, o sujeito recebe o elemento externo e este é subjetivado.

Logo esse elemento é, agora, re-objetivado, mas pelo crivo de valoração subjetiva do indivíduo, que é a forma pela qual ele concebe, significa, cria objetos, ou seja, objetiva a sua subjetividade. Assim, como subjetividade objetivada, tal elemento é a forma de concepção da criação significativa humana e serve à sociedade para as cultivações dos demais sujeitos. Desta forma, Simmel aponta o que considera a fórmula da cultura:

[...] é que as energias anímicas subjetivas alcançam uma forma objetiva, independente do processo de vida do criador, e que essa, por sua vez, é reinserida no processo de vida subjetivo de uma maneira que leve o sujeito a uma perfeição acabada de seu ser central. (1998b, p. 18).

Vale apontar o que Simmel considera ser, nessa dinâmica, a tragédia da cultura: nem sempre o que o homem cria o transforma. A tragédia acontece, em primeiro lugar, pelo fato de a objetivação da subjetividade – o objeto externo –, quando criada, passar a ser autônoma das significações pelas quais foi concebida. Simmel mostra que existe no objeto uma parcela de significação que não está nele, mas representa uma cota de significação vinda dos indivíduos receptores. De outro lado, o autor aponta a divisão do trabalho como um fato especial desta condição autônoma do objeto. A produção de algo que é fruto de “contribuições parciais de várias pessoas” (1998b, p. 19) não passa por uma intensão de significação de uma subjetividade e não carrega aquela significação do sujeito que contribuiria para a cultura de outros sujeitos. No entanto, mesmo não sendo fruto de objetivação de uma subjetividade, é ainda objetivo e pode, deste modo, ser transmitido ao processo cultural.

A autonomia do objeto, vindo da produção de um espírito subjetivo ou do meio social, evidencia o quanto os objetos culturais podem ser tanto fruto da reprodução quando da produção de significados, o que mostra que a cultura é em si dinâmica e mutável. A reprodução e mesmo a produção têm como base a herança cultural e o presente cultural, e pode-se, desta forma, ou meramente replicar ou produzir algo realmente significativo. Como replicação, Simmel mostra que esse conteúdo nem sempre trará um potencial para a cultura de sujeitos e que o acúmulo dessas informações implicaria justamente em conhecimentos superficiais, “culturações” que não seriam propriamente elementos para o desenvolvimento interior do indivíduo. Já a produção, enquanto advinda de um crivo subjetivo, permite a essa mutabilidade a possibilidade do desenvolvimento pessoal real.

É através dessa produção, que Simmel acredita infinita – por ser vinda da instância subjetiva e por conta da autonomia do próprio objeto –, que se tem um excesso de objetos. O autor diz que existem limites no próprio indivíduo para a assimilação de objetos significativos – limites estes que acordam com a coerência interna de cada

sujeito –, mas que, devido ao excesso disponível, a sensação é de insuficiência. Assim, há à disposição do sujeito uma série de objetos desprovidos de significados que realmente possam proporcionar a cultura.

A cultura, o processo de cultura, só se efetiva, portanto, pelo movimento dialógico de objetivação da subjetividade. A produção do indivíduo – a despeito daquela produção provinda do excesso e da divisão do trabalho, de que fala Simmel – é a contribuição de cada um à cultura e meio pelo qual ela se constitui de uma determinada forma em um determinado grupo. A moda, como uma das formas onde há produção significativa dos indivíduos para a sociedade, constitui uma das dinâmicas desse processo, que vai do sujeito para o meio e volta novamente para o sujeito, num movimento cíclico que é muito familiar ao movimento próprio da moda.

Tal movimento, como sublinhado, é explicado por Simmel (1998a, 2008) pela imitação e pela distinção das classes. Esse dualismo, junto a outros, como permanência e mudança, geral e singular, social e individual, serão postos no rol de antagonismos que o autor afirma fazer parte do modelo geral de desenvolvimento espiritual humano: o repouso e o movimento, a receptividade e a atividade. Isto é a base do pensamento de Simmel sobre o funcionamento da sociedade e está já em texto anterior àquele específico sobre cultura; tais dualismos foram apresentados pelo autor quando tratou da moda em *Da psicologia da moda: um estudo sociológico* (1998a), de 1895 – obra esta que será revisitada e ampliada em *Filosofia da moda* (2008), de 1905.

Os antagonismos citados nesse primeiro texto de Simmel (1998a) sobre moda, que são repouso/receptividade e movimento/atividade, traduzem o que, mais tarde, em *O conceito e a tragédia da cultura*, o autor elucidará de forma mais específica como movimento do ser humano, enquanto ser individual, para a constituição e o funcionamento da sociedade.

Em *Da psicologia da moda: um estudo sociológico* Simmel afirma que as forças contraditórias, como modo de desenvolvimento do homem, sempre aconteceram na história da humanidade, identificando, à sua época moderna, como estando presente na oposição entre a socialidade e o individualismo, uma relação da qual emergem os conteúdos da vida social. Com a moda, considerando-a como fenômeno indissociável das sociedades ocidentais desde o século XIV, como acredita Lipovetsky (1989), a relação entre social e individual aparece, segundo Simmel, nas tendências dualísticas de imitação e diferenciação.

Simmel explica que a imitação exige os indivíduos da responsabilidade criadora pessoal, já que este se colocaria em conforto no modo geral, que é o que “conduz o indivíduo” (1998a, p. 2), satisfazendo, assim, sua necessidade de generalidade.

Essa atração manifesta-se, finalmente, tanto pela possibilidade de ser levado por um círculo social, o qual exige dos seus participantes imitação recíproca, retirando deles, dessa forma, o peso de toda responsabilidade – seja ética, seja estética[...] (p.9).

Já a diferenciação, representada em moda pela variação, possibilita ao indivíduo tanto a mudança de conteúdo de moda quanto a distinção – pessoal, de seu grupo ou de sua classe social. Desta forma é que o autor entende a moda como “produto de separação de classes” (1998a, p. 3); sua engrenagem, o que propicia as mudanças típicas da moda, seria a dupla separação/imitação. Uma escolha de moda representa o pertencimento à própria classe e a distinção às outras; estas tratam de imitar aquelas, o que favorece o abandono e a mudança de uma escolha legitimada como moda por aquela mesma classe que a gerou.

Simmel localiza a moda como vinda de fora, promovendo uma forma de socialização em que se anseia um modo comum àquele externo. No entanto, justamente por se localizar no exterior, a conexão social da moda também vislumbra aqueles pontos que o autor diz não-localizados, o que impele à variação. Agora, Simmel irá se referir àquela discussão que trata do indivíduo e sua relação, pela ação do espírito subjetivo, com o objeto externo: dirá que

a partir das tendências contraditórias do nosso ser, para as quais um dos lados da moda representa uma unificação singular, verificamos que uma encontra sua satisfação na forma social da moda, enquanto outra no seu conteúdo. (1998a, p. 4).

Essa característica contraditória será, também como em sujeito/objeto, posta no nível da compatibilidade e da estimulação mútua, quando se trata do funcionamento da moda. Assim como no movimento da cultura, na moda o indivíduo transita entre o particular e o social para gerar novos significados, o que é, para ele, uma forma de satisfação desses dois polos. O que se gera do movimento dual do indivíduo, em especial na moda, é a produção de objetos externos que farão parte e caracterizarão o ambiente da cultura de um determinado grupo. Realmente ideais para a cultivação – como queria Simmel (1998b) – ou não, eles serão trabalhados pelos indivíduos sociais.

A dependência do externo é retratada por Simmel (1998a) mesmo quando se refere ao indivíduo que lança moda; em verdade, o que este sujeito realiza é o trabalho do gosto público levado à sua máxima, em que elementos conhecidos são levados ao máximo das possibilidades com vistas à diferenciação. Simmel (1998b) acredita que o ser humano é capaz de conceber tanto o passado como um futuro, e é essa pré-

figuração, que tem como base o dado socialmente posto em relação com a subjetivação, que o move à ação. Assim é que o autor concebe a moda como um “vir a ser” (1998a), tanto no sentido da criação subjetiva objetivada, quanto no de sua externalização e da apropriação desta pela sociedade enquanto uma moda, já que ela será trabalhada não só pelo seu significado original de criação, mas, também, pela cota de significação que será dada a ela pelos indivíduos receptores na sociedade.

Em relação ao indivíduo, no ambiente antagônico e complementar da moda, ela submete a individualidade do sujeito ao geral. No entanto, como produto do próprio indivíduo, Simmel afirma que a moda “está em relação a ele”, esbarrando em sua pessoalidade e em sua resistência ao externo. A influência, segundo o autor, é mútua entre o indivíduo e a própria moda, já que ambos produzem marcas da continuidade e da movência social.

Pelo fato de a moda apresentar um momento de coincidência notável entre as diversas dimensões da vida, resulta que o ritmo no qual se movimentam indivíduos e grupos influencia também, de maneira decisiva, a relação destes com a moda. (1998a, p. 8).

A moda, no âmbito da produção humana, possibilita as marcas visíveis das respostas à sociedade de que fala Barnard (2003), e que, segundo este autor, provém de escolhas sobre a roupa do mesmo tipo das de outras questões que se colocam no ambiente social. Na relação entre roupa e sociedade, o que emerge é o caráter simbólico de ambas. Como respostas humanas, as produções se concretizam em objetos, em forma material ou de ideia, configurando significações que são do campo do simbólico, emergindo aí questões valorativas históricas e atuais de um grupo. O simbólico, quando trabalhado pelo dualismo sujeito/objeto, remete, antes de tudo, ao diálogo e ao jogo entre as instâncias individuais e sociais, ou seja, do grupo se retira o objeto da valoração individual que, ressignificado, volta à sociedade e a si próprio como meio ao desenvolvimento pessoal.

Assim, a moda, enquanto um modo social localizável em um determinado período e lugar, justamente por representar um todo pode funcionar como a máscara que esconde o gosto pessoal; isso é dito por Simmel (1998a), que mostra que a moda pode, também, com o dualismo internalizado pela alma, criar o estilo pessoal e substituir a necessidade de imitação.

Das considerações de Simmel sobre a moda, têm-se a contribuição de suas postulações sobre o fenômeno no âmbito da cultura e o dualismo entre subjetivação e objetivação. Isso, no entanto, é posto não no que se refere à autonomia do objeto moda enquanto fruto da divisão do trabalho, o que recai sobre a moda enquanto objeto de uma

produção seriada das próprias roupas e das ideias que carrega. A questão é posta em evidência pela possibilidade de individualidade em meio ao movimento de igualação social; movimento este crescente e impregnado desde a modernidade, como já alertava Simmel (1998b) em 1911.

A divisão do trabalho desvincula o produto como tal de todo e qualquer contribuinte específico. Ele passa a existir em uma objetividade autônoma que em verdade torna o produto apropriado a inserir-se em uma ordem das coisas ou a servir a um fim específico objetivamente determinado; mas com isso escapa ao objeto aquela significação subjetiva interior, que somente o homem inteiro pode dar à obra total e que sustenta sua inserção na centralidade anímica de outros sujeitos. (p. 18).

Na moda, a tendência homogeneizante se torna ainda mais forte, pelo que foi mostrado através do pensamento de Simmel (1998a) sobre o movimento da cultura e da moda: se, de um lado, a moda e seu movimento mutante são frutos da dependência entre social e individual, tem-se que, segundo o autor, o fenômeno, enquanto cultura, promove a produção de objetos autônomos de maneira infinita e que não passam necessariamente pela internalização (cultivação) do sujeito.

Se há a possibilidade de se vislumbrar um destino melhor para a moda, além daquele que leva ao consumismo, a atenção deve se voltar para o entendimento do fenômeno como parte da dinâmica da cultura, em que, considerando seus objetos e ideias de moda, podem perfeitamente passar pelo caminho da alma para si mesma, como queria Simmel, de fato pela correspondência indissociável entre sujeito e objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SIMMEL, Georg. *Da psicologia da moda: um estudo sociológico*. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998(a), pp. 161-170.

_____. **Filosofia da moda e outros escritos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

_____. *O conceito e a tragédia da cultura*. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998(b), pp. 79-108.